

POLITICOPRÁTICAS DE CURRÍCULO NO/DO COTIDIANO ESCOLAR

Rafael Marques Gonçalves*

Resumo

Neste trabalho, apresento as noções que embasam uma investigação de doutorado acerca das relações *político e práticas* na tessitura dos currículos *pensados e praticados* no/do cotidiano escolar, *espaçotempo* onde busco apostar na emergência de rede de *fazeressaberes* de currículos tecida nas múltiplas redes de conhecimentos e significações, que problematizam o currículo oficialmente proposto/prescrito. A pesquisa no/do/com o cotidiano e o trabalho com as narrativas de professoras dão o suporte metodológico para a tessitura da pesquisa, que vem sendo desenvolvida com professoras da rede municipal de ensino de uma cidade situada no Sul Fluminense do estado do Rio de Janeiro. A partir das narrativas das práticas cotidianas, acredito que a legitimação dos currículos *pensadospraticados*, seus usos, práticas e táticas é cada vez mais necessária para o cenário da pesquisa educacional, por auxiliar na defesa dos currículos como criação cotidiana pressupondo o desinvisibilizar dos aspectos políticos e culturais que envolvem sua negociação e tessitura.

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Currículo. *Politicopráticas*.

1. ABRINDO O DIÁLOGO

A escrita deste texto envolve o cenário de embates que seu objeto vivencia. Momento marcado por uma disputa teórica-política-epistemológica que envolve a implantação de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), baseada em “objetivos de aprendizagem” que deverão ser considerados pelos professores de todo o Brasil na elaboração de suas aulas. Pode-se afirmar que a implantação de uma BNCC é claramente uma ação política que focaliza o currículo como prescrição, na medida em que “indica” os conhecimentos e as formas de trabalho no cotidiano escolar.

Portanto, dentro dos limites textuais, apresento os movimentos com os quais busco tencionar a prescrição curricular, levando em consideração os currículos *pensadospraticados* nos/dos cotidianos escolares, advindos das narrativas de professoras que *pensamfazem* esses currículos no cotidiano escolar, bem como perceber como esses *saberesfazer*es podem e vão figurar como políticas de currículo tecidas cotidianamente.

2. CURRÍCULO, COTIDIANO E POLÍTICAS

Na tessitura da pesquisa, busco envolver-me com uma concepção de currículo bem diferente da tradicional, que o percebe meramente como uma programação total ou parcial de um curso ou matéria a ser estudada em um ambiente

*Doutorando em Educação pela UERJ/ProPEd. Professor da Universidade Federal do Acre (Centro de Educação e Letras – Campus Floresta). Líder do Grupo de Pesquisas em Memórias, Identidades, Currículos e Culturas – GpMICC/CEL/UFAC. Membro do GT 12-Currículo da ANPEd e da Associação Brasileira de Currículo – AbdC. Bolsista CAPES. E-mail: rafamg02@gmail.com

de ensino. Ou seja, busco filiar-me a noções de currículo que trazem à tona o possível caráter emancipatório destes, buscando desinvisibilizar diferentes modos de existência e de tessitura com esse potencial.

Com Oliveira (2012), os currículos praticados são aqueles tecidos nos cotidianos das escolas e que se apresentam indissociáveis da relação *prácticateoriaprática*. Portanto, definidos como *pensadospraticados*, pois merecem estudo e destaque, afinal incorporam um modo de compreensão para além daquilo que neles obedece ao *status quo* e que se impõe como norma instituída pela concepção hegemônica de educação.

Assim, Oliveira (2012) parte da ideia de que o currículo é criação cotidiana dos praticantes das escolas, tecido por meio de usos singulares das normas e regras colocadas para consumo e em diálogo permanente com elas. A ideia é fazer emergir o debate sobre a noção de que as redes de conhecimentos tecidas pelos *praticantespensantes* do cotidiano dão origem a práticas curriculares emancipatórias, frutos dos diversos modos de inserção social destes no mundo, inclusive no campo do embate político e ideológico que habita a sociedade no atual cenário das discussões escolares e das políticas curriculares.

O reconhecimento e a valorização dos múltiplos currículos *pensadospraticados*, inventados pelos *praticantespensantes* dos cotidianos escolares, permitem, também, afastarmos-nos da ideia moderna e individualista de emancipação. Entendemos, ainda, que o currículo se situa na articulação entre a escola e a cultura, ou seja, que a escola é ao mesmo tempo produtora e reprodutora da cultura na sociedade em que se situa, trazendo em seu cotidiano as contradições, conflitos, referências identitárias e movimentos de diferença que fazem dela – e também de suas tramas curriculares – um campo de contestações e de conflitos.

Pensar o cotidiano escolar como *espaçotempo* de negociações de sentidos, de (re)criação e (re)invenção

dos *saberesfazeres*, valores e emoções, requer ressaltar que este mesmo *espaçotempo* não é neutro e nele coexiste uma série de fatores externos e internos que influenciam na maneira como os currículos são *pensadospraticados* e tecidos. Como um dos fatores podemos citar a política, campo de muitos embates e disputas, que acaba permeando e subjetivando, ou não, os usos que os praticantes fazem dos produtos e das regras oferecidos para o seu consumo (CERTEAU, 1994).

Com Frangella (2012), aponto que os estudos sobre as políticas vêm caminhando por binarismos e superposições, nas quais as diferentes abordagens apontam para a escola como cenário de desenvolvimento de ações prescritivas e advindas de esferas externas a elas. Contudo, quando buscamos assumir a cultura como produção cotidiana, enveredamos em uma dimensão onde a prática curricular não será apenas produto de determinações, mas sim permeada de possibilidades múltiplas que podem e vão influenciar as redes de conhecimentos envolvidas.

Alves et al. (2003) reforçam meu argumento de que as políticas do Estado ignoram que “políticas” também são práticas comuns, ordinárias, sobretudo em sua variedade cotidiana. Assim, quando se pensa nas políticas de currículo, precisamos considerar que, nos múltiplos *espaçotempos*, onde se realizam as políticas oficiais, vivem os sujeitos praticantes que tecem e ressignificam as propostas que lhes são apresentadas.

Nesse sentido, aposto na noção do ciclo de políticas proposta por Ball e Bowe (1989), que aponta que a produção curricular é uma dinâmica que se desenvolve continuamente em três contextos associados: o contexto de influência, o contexto da produção de textos e o contexto da prática.

Para Ball (2001), a política curricular se constitui de forma cíclica e no enredamento de diferentes contextos, assim, no que se refere ao cotidiano escolar, vamos compreendê-lo como *espaçotempo* de significação e de

produção de sentidos, e não mais *espaçotempo* definido a partir da prescrição e de sua repetição. Quando passamos a pensar o papel do cotidiano escolar na política curricular, vamos assumir a necessidade de compreender a política para além do fim em si mesma, mas sim por envolver redes de subjetividades, poderes e saberes, ou seja, não se trata de trabalhar em função apenas do que está posto, é necessário ressignificar as redes tecidas por meio da compreensão de seus embates e negociações cotidianas.

Assumir a dimensão do ciclo de políticas como elemento de mediação da tessitura curricular significa admitir as políticas como mediações, que são codificadas de formas complexas a partir de embates, acordos e interpretações e reinterpretadas por parte das autoridades públicas, e decodificadas, também de maneiras complexas, por parte dos sujeitos *praticantespensantes* envolvidos, atribuindo noções outras que partem de suas histórias, experiências e possibilidades (BALL, 2006).

Portanto, não podemos compreender a política curricular de forma simplista, como mera ordenação do sistema educativo ou validação dele pelas chamadas autoridades competentes. Tampouco é possível vislumbrar somente os interesses dos empenhos políticos. Por isso a análise da política curricular exige um cuidadoso alinhamento do elemento político ao administrativo.

Torna-se necessário ter como perspectiva a combinação entre os diferentes elementos, encontrando-se os modos como eles se articulam estabelecendo mecanismos de intervenção-regulação. Isso impõe o desafio de análise de modelos políticos, refletidos ou não nas práticas cotidianas, nem sempre claras, indo além das orientações técnico-pedagógicas, extraíndo delas as articulações e redes que as sustentam, na compreensão do componente político.

Compreender a política curricular por meio da noção do ciclo de políticas vai ao encontro da necessidade de identificar os distintos grupos, sujeitos

e *espaçotempos* que a produzem, com o intuito de identificar ou trazer à tona para o jogo do processo político suas institucionalidades e intencionalidades, bem como ainda considerar as diferentes formas de relação e interação existentes com estes grupos, apesar do enfoque na ação dos governos.

Neste sentido, entra em jogo a noção da “política como discurso” que aponta para as disputas por poder, pelo controle de bens (recursos) e de discursos, em termos de vantagens e legitimidade sociais. Ball (2001) enfatiza os limites impostos pelo próprio discurso, que não é falado, mas nos fala, afirmando que, embora haja variedade de discursos, alguns são dominantes em relação a outros, construindo e permitindo as subjetividades, as vozes, o conhecimento e as relações de poder. Ou seja, atuam no que pode ser dito e pensado, mas também sobre quem pode falar, quando, onde e com que autoridade.

Arroyo (2011) afirma que focalizar o currículo como um espaço de disputa e (re)produção de culturas, políticas e práticas é percebê-lo como um *espaçotempo* onde vivenciamos e negociamos sentidos que fazem com que nossas redes de conhecimentos, tecidas cotidianamente, possam ser percebidas como práticas potentes plenas de aspectos políticos. Desta maneira, perceber os currículos *pensadospraticados*, nos tempos atuais, aproxima-nos da noção de que sentir o currículo como criação cotidiana pressupõe trazer à tona as variadas formas como este é tecido.

Quando busco assumir o *espaçotempo* escolar como *espaçotempo* de disputas políticas, nas quais a luta pelo controle da organização é permanente, posso pensar em uma compreensão de poder que se expressa não “por uma referência a uma posição ou ocupação como tal, mas como o desempenho, o resultado e a luta” (BALL, 2001, p. 40).

O que precisa ficar claro é que não se trata apenas de problematizar como as políticas públicas para o currículo

são concretamente “recriadas” nas escolas, mas sim buscar compreender como os currículos *pensadospraticados* imbricam e se inter-relacionam nas noções particulares de cada sujeito, que compõem o cotidiano escolar.

Portanto, os currículos são, também, uma realização que decorre das situações mais próximas dos indivíduos que vivem os cotidianos escolares, em seus *dentrofora*, embora, inevitavelmente, sempre relacionados às redes que compõem o conjunto do social e que Ball (2001) evidencia ao considerar que os sujeitos não estão confinados em um único lugar, afirmando que, em suas vidas cotidianas, estabelecem usos diferenciados dos produtos e das regras, em um processo de desenvolvimento de táticas inscritas nas possibilidades oferecidas pelas circunstâncias que vivem.

3. DOS MODOS DE FAZER A PESQUISA

O desenvolvimento da pesquisa caminha na perspectiva dos estudos do cotidiano em sua compreensão *teórico-político-epistemológico-metodológica de compreensão do mundo* (OLIVEIRA; SGARBI, 2008), com as quais busco *percebersentirviver* as realidades sociais a partir de sua complexidade e dos inúmeros (des)encontros vividos durante a pesquisa no/do/com o cotidiano escolar.

Caminhar na compreensão dos movimentos pelos quais as professoras, sujeitos praticantes, *pensamfazem* suas redes de conhecimentos *politicopráticas* é levar em consideração suas capacidades criativas, “astúcias” e “engenhosidades”, para, de maneira própria, seja resignificando ou ainda se distanciando das prescrições que lhes são (im)postas. Neste sentido, Certeau (1994) traz elementos para pensar como estes sujeitos comuns manifestam sua resistência moral e política ao pôr em prática o que é entendido como “bricolagens”, “caças furtivas”, que em movimento alimentam uma espécie de jogo de táticas que se opõem às estratégias.

Compreender estes modelos de ação de práticas cotidianas, ressaltando ainda o caráter emancipatório emergente nas/das táticas, é ir ao encontro de um olhar acerca do cotidiano em outra perspectiva, percebendo sua riqueza de ações e significados, vislumbrando essencialmente um cotidiano que não está deslocado do contexto da vida dos praticantes, mas sim sendo suas próprias vidas.

O contexto em que mergulho na realização da pesquisa envolve o encontro de um grupo de 10 professoras¹ atuantes no primeiro segmento (1º ao 5º anos do Ensino Fundamental) dispostas a narrar suas práticas e serem sujeitos *pensantespraticantes* que se propõem a partilhar suas experiências, bem com suas narrativas e reflexões tecidas coletivamente. Fazer uso desta partilha significa tecer uma rede na qual as vozes não sejam simplesmente ouvidas ou ainda ancoradas em um determinado marco teórico e/ou político, mas sim buscar compreendê-las e perceber que carregam, inerentes em si, contextos de influências, de textos e de práticas das políticas de currículo, enredados uns aos outros e ao que fazem.

Como elemento metodológico, lanço mão das narrativas e diálogos como *espaçotempo* possível de tessitura da compreensão do outro, de perceber os processos de resignificação de documentos prescritivos, *espaçostempos* de confrontos e embates de experiências. O ponto de partida de compreensão dos currículos *pensadospraticados* é a partilha de diferentes narrativas que fazem dos nossos encontros nas rodas de conversas elemento potencial na compreensão das relações entre a produção das experiências, narrativas e diálogos envolvendo as práticas pedagógicas.

O trabalho com as rodas de conversas encontra potência em seu viés coletivo, na reconstrução de noções e argumentações que representam a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir

outras redes de conhecimentos, pois “indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e de sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica” (WARSCHAUER, 2002, p. 46).

Pensar a pesquisa nos/dos/com os cotidianos escolares, tendo como suporte as conversas e as narrativas, é trazer dos *saberes-fazeres* as redes de conversações dos movimentos que transformam a cultura da escola, fortalecendo a criação coletiva e individual, entendendo ainda que os cotidianos escolares são diversos e vividos de formas distintas, que envolvem crenças, vivências, valores e papéis culturais inerentes às formas de habitar o cotidiano, sobretudo no caso desta pesquisa, que envolve diferentes sujeitos e de diferentes escolas.

Mergulhar nas *conversações* (CARVALHO, 2011) das rodas de conversas demonstra ser de extrema potência, na medida em que estas se constituem ponto de partida para pensar outros modos de operar, tanto das pesquisas que tenham como premissas os estudos dos cotidianos quanto das *maneiras de fazer* cotidianas das professoras. Isto é, as conversas ajudam a expressar as práticas curriculares cotidianas docentes, tornando-se e sendo desinvisibilizadas como fontes das experiências da pesquisa.

4. PONTOS PARA CONVERSAS FUTURAS

As diferentes *artes de fazer* dos praticantes, de seus *usos e táticas*, como apontam Certeau (1994), desenvolvidas cotidianamente são inscritas e delimitadas pelas redes de relações de forças entre o forte e o fraco que definem as circunstâncias das quais podem aproveitar-se para empreender suas “ações” no âmbito político.

Assim, no contexto das práticas vão transitar sujeitos múltiplos, oriundos de contextos múltiplos e que, juntos ou não, atuam de diferentes formas nas/das diferentes arenas de negociação em que se inscrevem. Por este motivo, necessitamos entender que a vida

cotidiana da escola é múltipla e vai estar composta por maneiras de fazer, ora convergentes e ora divergentes.

Ganha relevância nessa perspectiva o fato de que, para além do consumo puro e simples, os sujeitos praticantes desenvolvem ações, fabricam formas alternativas de uso, tornam-se *produtores-autores*, disseminando alternativas, manipulando, ao seu modo, os produtos e as regras, mesmo que de modo invisível e marginal (CERTEAU, 1994).

Ball (2006) acentua que entender política também como prática exalta a liberdade, demonstrando que há mais vida nas salas de aula e nas escolas do que seria perceptível por meio de uma pura e simples constatação de produtos, textos e currículos que atendam a demandas oriundas de relações verticalizadas. Afinal, na vida cotidiana, existem outras preocupações, demandas, pressões, propósitos e desejos que não se inserem necessariamente de modo explícito nos textos das políticas.

Portanto, assumo que o cotidiano escolar, suas narrativas, experiências e demais redes trazem possibilidades de leituras para algo muito além de um binarismo ou das prescrições, como uma relação na qual currículo e escola também não existem fora da ação política, por serem construídos na medida em que os sujeitos atuam politicamente, movimento que nomeio de *bricolagens praticadas*².

Por opção política-epistemológica-pedagógica, afirmo que minha ênfase investigativa está no local, na parte, no fragmento, que, nunca é demais lembrar, contém o todo (MORIN, 2005). Nessa dimensão do social que quero pôr em destaque, busco empoderar as professoras como artífices de modos de fazer currículos *pensados-praticados* no cotidiano escolar, bem como ainda tecelãs de micropolíticas invisibilizadas de currículos.

Considero, nos limites deste texto, que, talvez, a importância da pesquisa e do seu desenvolvimento inicial seja em virtude da contribuição que pode trazer à disputa pelo reconhecimento dos saberes dos

professores, de suas experiências, memórias e histórias de vida. Encontro, nos escritos de Arroyo (2011), quando este aponta que “é fácil constatar que essas disputas adquiriram tais dimensões que nas escolas temos o currículo oficial, com seu núcleo comum, disciplinado, e em paralelo temos o currículo na prática” (p. 16).

Não me furto a afirmar que, na maioria das vezes, as dúvidas, as angústias e as surpresas predominam sobre a escritura de pesquisa, mas é a partir da existência de múltiplas e complexas relações de sujeitos individuais e coletivos, que vivem práticas diferenciadas e criam conhecimentos diversos, que posso pensar na existência de uma *rede* de micropolíticas, enquanto possibilidade de emancipação social vivenciada no cotidiano escolar e educacional.

Importante salientar que várias propostas curriculares não incorporam as *artes de fazer* tecidas no cotidiano escolar, estas são tornadas invisíveis para darem lugar a um saber hegemônico produzido por intitulados especialistas, eleitos na maioria das vezes por questões políticas. Neste sentido é que venho propondo a inversão deste eixo, o que significa entender a tecitura dos planejamentos pedagógicos como um processo de desinvisibilizar as alternativas construídas cotidianamente e já em curso.

Pensar o cotidiano e erguê-lo à condição de *espaçotempo* privilegiado de produção de conhecimentos, crenças e valores, considerando-o de modo complexo, implica que sejamos críticos às práticas de políticas de homogeneização e padronização dos currículos *pensadospraticados*. Nesse entendimento, vale dizer que sempre temos que desconfiar de políticas, como a proposta pela BNCC, que propõem padronizar e homogeneizar nossas escolas, professoras, alunos sempre em busca da suposta possibilidade de controle da realidade escolar e, por que não dizer, em prol da busca pela “melhor qualidade” definida fora do *espaçotempo* escolar.

POLICIES PRACTICES OF CURRICULUM IN SCHOOL EVERYDAY

Abstract

In this paper I present the notions that support a doctoral research, about the political and practical relations in the curriculum thought and practiced in the school daily, space and time where I try to bet on the emergence of networks of knowledge and curricula woven in the multiple Networks of knowledge and meanings, which problematize the officially proposed / prescribed curriculum. The research in the daily life and the work with the narratives of the teachers give the methodological support for the content of the research, which has been developed with teachers of the municipal teaching network of a city located in the South Fluminense of the state of Rio de Janeiro. From the narratives of daily practices I believe that the legitimation of the curricula thought and practiced, their uses, practices and tactics are increasingly necessary for the educational research scenario, for helping to defend curricula as a daily creation presupposing the desinvisibilization of political aspects And cultural factors that involve their negotiation and structure.

Keywords: School daily. Curriculum. Political Practices.

POLÍTICAS Y PRÁCTICAS EN EL CURRÍCULO DE LA ESCUELA

Resumen

En este trabajo se presentan las nociones que apoyan una investigación doctoral sobre las

relaciones y prácticas políticas en el tejido de los planes de estudio del pensamiento y practica en / escuela todos los días, el espacio-tiempo, que buscan invertir en el plan de estudios de la red de emergencia fazeressaberes tejida en múltiples redes de conocimiento y es decir, que la cuestión propuesta oficialmente / currículo prescrito. La investigación en / de / con la vida cotidiana y el trabajo con las narrativas de los profesores dan apoyo metodológico a la tela de la investigación, que está siendo desarrollado con los maestros de las escuelas públicas en una ciudad situada en el estado sureño de Fluminense de Río de enero. A partir de las descripciones de las prácticas cotidianas creen que la legitimidad de pensadospraticados planes de estudio, sus usos, prácticas y tácticas son cada vez más necesarios para el establecimiento de la investigación educativa, para ayudar en la defensa de los planes de creación como todos los días asumiendo desinvisibilizar aspectos políticos y culturales la participación de su comercio y tesitura.

Palabras clave: Escuela de la vida diária. Curriculum. Político y prácticas.

NOTAS

¹ As participantes da pesquisa fazem parte da Rede Municipal de Ensino de Três Rios – RJ que foram convidadas a participar, a seu critério, por meio de comunicação do pesquisador via SE.

² Gonçalves (2016).

REFERÊNCIAS

ALVES, N. et al. (Org.). *Criar currículo no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2004.

ARROYO, M. *Currículo, territórios em disputa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BALL, S. J. Diretrizes políticas globais e relações políticas locais em educação. *Currículo sem Fronteiras*, V.1, n. 2, p. 99-116, 2001.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano I: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GONÇALVES, R. M. *Currículos pensadospraticados noldo cotidiano escolar: negociações e tessituras*. Qualificação de Tese, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

MAGALHÃES, J. C. Aprendizagens cotidianas com a pesquisa. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de ensino, 15, *Anais...*, CD-ROM, Belo Horizonte, 2010.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

OLIVEIRA, I. B. *O currículo como criação cotidiana*. Petrópolis: DPetAlli, 2012.

_____; SGARBI, P. *Estudos do cotidiano e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

WARSCHAUER, C. *A roda e o registro: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

Enviado em 19 de novembro de 2016.

Aprovado em 20 de junho de 2017.